

*A Beatriz de Dante Alighieri:
da angelização da figura feminina à
construção de uma humanidade divinizada*

MOISÉS ROMANAZZI TÖRRES

Professor do Depto. Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas da UFSJ

RESUMO

A figura feminina de Beatriz (Beatrice Portinari), angelizada na *Vita Nuova*, passa na *Commedia*, por representar a Teologia, a um estado divinizado de perfeição humana. A atitude de Dante na primeira obra, entretanto, não corresponde nem a uma inovação, nem a uma originalidade, mas sim à maneira habitual com que todos os poetas do *dolce stil nuovo* tratavam suas *Madone*. Porém a *Vita Nuova* corresponde apenas à juvenília de nosso poeta. Na *Commedia*, um outro Dante, maduro intelectual e poeticamente, vai fundir o ideal de humanidade perfeita, segundo a natureza e o tipo de humanidade perfeita, de acordo com a graça, num tipo superior de humanidade divinizada, Beatriz, aquela cujo domínio se estende a tudo aquilo que na Teologia é conhecimento.

Palavras-chave: Dante; Beatriz; Teologia.

RESUME

La figure féminine de Béatrice (Beatrice Portinari), angelisée en *Vita Nuova*, se rend en *Commedia*, pour représenter la Théologie, un état divinisé de perfection humaine. L'attitude de Dante en la première oeuvre, cependant, ne signifie pas une innovation ou une originalité, mais la représentation habituel des *madone* chez tous les poètes du *dolce stil nuovo*. Cependant la *Vita Nuova* signifie seulement la part juvénile de l'oeuvre du notre poète. En *Commedia*, un autre Dante, développé intellectuel et poétiquement, ira assembler l'idéal de humanité parfaite selon la nature et le type de humanité parfaite selon la grâce dans un type supérieur de humanité divinisée, Béatrice, celle dont le domaine s'étend à tout qui est connaissance en Théologie.

Mots-clef: Dante; Béatrice; Théologie.

A CIDADE DE FLORENÇA NOS SÉCULOS XIII E XIV era uma comuna marcada por sangrentas discórdias políticas: as incessantes lutas entre os Grandes (nobres), sempre entrecortadas por reconciliações; as eternas disputas entre guelfos e gibelinos; entre facções guelfas. Igualmente marcada pelas incertezas religiosas: as heresias (catarismo, gnosticismo), o averroísmo, a oposição entre dominicanos e franciscanos, entre franciscanos “espirituais” e “conventuais”, freqüentes acusações recaindo sobre clérigos (padres casados, concubinato, sodomia); e simultaneamente marcada pela riqueza e pela glória: o desenvolvimento do comércio, das manufaturas e da banca nascente, além das antigas rendas feudais, deu a Florença uma posição econômica de destaque, logo coroada por algo que poderíamos chamar de uma liderança política do mundo guelfo, que, entretanto, além de agravar muito as dissensões internas, suscitava a cobiça de diversas forças externas. Foi nesse ambiente conturbado que nasceu e viveu a fase inicial de sua vida um dos intelectuais mais destacados e uma das sensibilidades mais sutis que a Idade Média conheceu: Dante Alighieri.

Sabemos muito pouco da infância de Dante. Ele nasceu em maio de 1265, numa casa próxima à igreja de San Martino del Vescovo, em San Pier Maggiore. Em suas obras, ele não fala jamais de seus pais. Sabemos, porém, através dos biógrafos, que sua mãe, chamada Bella, morreu ainda jovem, quando Dante tinha doze ou treze anos, e que seu pai, denominado Alighiero, não tardou em tomar uma nova mulher como esposa. Sua família pertencia à antiga nobreza de origem feudal, mas sua condição econômica era modesta. O único evento aparentemente certo desses primeiros anos foi o encontro do pequeno Dante com a pequena Beatriz.

Quando do primeiro contato, os dois tinham cerca de nove anos de idade. Foi esse apenas um encontro entre duas crianças, numa tarde da primavera de 1274, numa festa na casa do pai da menina. Somente nove anos mais tarde, ele a reviu; ela então lhe fez uma “saudação gentil” e ele lhe disse talvez algumas palavras. A partir daí, Dante começou a dedicar-lhe poemas, enviados a um grupo de jovens poetas, uma espécie de sociedade literária chamada “Fiéis do Amor”. Mais tarde, em San Martino del Vescovo, ele a encontrou uma terceira vez, não mais que olhares a distância. Posteriormente, Dante encontrou-se inesperadamente na presença de Beatriz, com quem cruzou na rua, mas então ela lhe “recusou a saudação”, o que fez com que ele mergulhasse em profunda melancolia. Um pouco mais tarde ainda, Dante encontrou-se, por acaso, em uma reunião mundana, diante de Beatriz acompanhada de dois amigos, mas

ela e seus companheiros tinham um ar de quem zombava dele. Em resumo, dos nove aos vinte anos, portanto, houve apenas cinco encontros fortuitos: os primeiros, fonte de alegria, e os dois últimos, de desesperança. Mas nosso poeta jamais pôde esquecê-la.

Segundo Louis Gillet (1941, p. 18), nossa primordial fonte sobre a vida de Dante é tardia. Trata-se da famosa biografia de Bocaccio, que a escreveu cerca de quarenta anos após a morte do autor da *Commedia* (bem como de outras biografias, como as de Bruni e Villani, posteriores àquela). De acordo com Bocaccio, Beatriz era filha de um mercador florentino, de posses consideráveis, denominado Folco Portinari. Gillet sublinha que foi justo Bocaccio quem nos deixou uma descrição, “romanceada” é bem verdade, dos encontros de Dante e Beatriz. Bocaccio, por todos esses motivos, não é uma fonte das mais certas. Mas René A. Gutman (1977, p. 27) vai contestar toda uma escola de comentadores do poeta, que nega a existência histórica de Beatriz, afirmando que ela era para Dante exclusivamente um símbolo.

Gutman aponta que, durante a primeira idade de Dante, certamente viveu em Florença uma Beatrice Portinari. Seu pai, rico e famoso, foi eleito prior por San Pier Maggiore, e assim participou do Conselho dos Seis Priores, uma câmara, periodicamente renovada, que governava a cidade com o *podestà* (o líder do Governo, também periodicamente substituído). Sua tumba encontra-se ainda na pequena igreja de Sant’Egidio, situada sob a fachada do hospital de Santa Maria Nuova, que ele fundou. Sua mãe, Cilla Camposachi, segundo registros da municipalidade da época, teve três filhas. Sabe-se que a própria Beatriz se casou, em 1287, com um “banqueiro” florentino chamado Simone dei Bardi, foi morar do outro lado do Arno, perto da Ponte alle Grazie, e morreu muito jovem. Assim, apesar das oposições de dantólogos ilustres, como Peré Mandonnet, Bardi, Vallone, a historicidade de Beatrice Portinari está bem demarcada.

Mas será que Beatrice Portinari era a Beatriz de Dante? Não há, de fato, nenhuma prova irrefutável, mas, uma vez constatada a existência real de Beatrice Portinari, somos tentados a acreditar, por uma simples questão de encadeamento lógico, que ela tenha sido a Beatriz de Dante, uma vez que, além de contemporânea do poeta, era sua vizinha em San Pier Maggiore, e igualmente pelo fato de que a Beatriz de Dante também morrera precocemente. Isso tudo, entretanto, não exclui o fato de Beatriz, pessoa real, ter sido para Dante também um símbolo, algo que vem do Bem e que, efetivamente, representa a Teologia.

Dante, aproximadamente aos doze anos de idade, entretanto, esposou Gemma Donati, de muito poderosa família nobre. Com ela nosso poeta teve

quatro filhos. O casamento era então entendido como o estabelecimento de uma aliança entre duas famílias, e assim o foi também no caso de Dante. Entre 1275 e 1282, Dante estudou com os dominicanos e os franciscanos, respectivamente nos conventos de Santa Maria Novella e Santa Cruz. Ao sair da escola, ele tinha dezessete anos. Seguiu-se um período de prazeres mundanos pelas tabernas de Florença, na companhia de outros jovens letrados, candidatos à fama através da poesia. Houve também, nessa fase de sua vida, algumas outras mulheres (cuja existência real também tem sido muito contestada), às quais dedicou alguns versos. Porém Beatriz continuava a ser e foi sempre o principal elemento da sua inspiração poética. Fez então bons amigos, com destaque para Guido Cavalcanti e Forese Donati (primo de Gemma).

As disputas poéticas entre Dante e Forese formam a *Tenzone*, série de seis ferozes sonetos, escritos em *volgare* (o idioma popular que deu origem à língua literária italiana) e segundo os preceitos do *dolce stil nuovo*, a que Dante e seus companheiros aderiram.

Uma das principais correntes da chamada poesia de Corte nasceu, no século XII, no *Midi* francês, na Aquitânia, no Languedoc e na Provença. Em suas composições, observa-se uma forma casta de amor, o amor cortês em suas regras estritas: a) os poemas endereçavam-se normalmente a mulheres casadas, em geral a uma Dama castelã ou uma Dama da Corte, às vezes a uma Dama distante; b) centravam-se na mágica do primeiro olhar; c) procuravam não mencionar o ciúme do marido, considerado ridículo por demais para ser sequer citado: tratava-se, antes de tudo, de um amor essencialmente casto e “infeliz”. O poeta contentava-se em cantar seu infortúnio infinitamente, pois, desde o primeiro olhar, ele devia à sua Dama sua vida, seus pensamentos, suas obras e suas ações. Chamado nas terras do Sul de *trobador*, o poeta (a maior parte deles era de grandes ou pequenos senhores) é aqui o ator principal: ele escreve os poemas que às vezes são por ele mesmo recitados (o *trobador* – daí seu nome); em geral, eles são cantados (o “cantar”) pelos *jongleurs*, independentes ou sob paga do *trobador*. Mas essa forma de poesia foi, no início do século XIII, colocada sob suspeita de catarismo, e conseqüentemente, os *trobadores*, perseguidos, foram obrigados a deixar a França.

A chegada ao reino da Sicília dos poetas franceses teve uma influência primordial sobre a evolução da poesia italiana. Eles foram amplamente acolhidos pelo imperador Frederico II e puderam, em sua corte de Palermo, entrar em contato com filósofos, sábios e, logicamente, com outros poetas, muçulmanos, judeus e cristãos, que aí viviam. Por outro lado, essa mesma corte foi também

penetrada por essa nova poesia como “uma esponja pela água”. O reino da Sicília teve assim um papel fundamental de “miscigenador” cultural ítalo-francês. Pouco depois, numa outra região da Península, esse processo se deu de forma mais direta ainda: as cortes gibelinas da Itália do Norte. Por fim, a poesia cortesã vai aclimatar-se, no último quartel do século XIII, em alguns círculos intelectuais da Toscana e da Emília, que igualmente receberam numerosos *trobadores* e *jongleurs*.

Essas influências múltiplas criaram ou favoreceram, em Florença, o desenvolvimento de uma reforma cultural e literária decisiva para a língua, para a poesia e para Dante. Uma contracorrente contestadora produziu-se: essa foi o *dolce stil nuovo*. Dante foi então um dos primeiros a se manifestar. Enviou o seu primeiro soneto a Guido Cavalcanti, que ele admirava de longe. Guido logo comunicou o soneto a seus companheiros. Muitos deles e o próprio Guido lhe responderam. Assim começou um intercâmbio literário e, em seguida, uma tomada de contatos pessoais, momento solene na vida de Dante, fundamental para a caracterização que estava por forjar de sua amada distante, Beatriz.

De fato, a nova poesia italiana foi realmente “inspirada” na dos trovadores franceses, por seus detalhes técnicos e por sua concepção geral, mas, espiritualmente, ela foi diferente. A Dama francesa transformou-se na *Madona*. A Dama dos *trobadores* do *Midi*, ainda que idealizada, era uma pessoa concreta; a *Madona* italiana era uma “criatura sobrenatural”: ela passa, obscura, em geral silenciosa, concedendo algumas vezes um discreto sorriso, aceitando eventualmente uma discreta saudação; não a descrevem jamais, sabem somente que ela tem uma “tintura de pérola”. Toda a Natureza rende homenagem à sua perfeição. Foi esse tipo “desencarnado” que reinou até Petrarca. Entre os poetas que cantavam essas “criaturas vaporosas”, Guido Cavalcanti era o maior e somente foi superado por Dante. Dessa forma, se Dante, na *Vita Nuova*, angelizava Beatriz, essa atitude não foi nem uma inovação, nem uma singularidade, correspondia apenas à maneira habitual a todos os poetas do *stil nuovo*, pode-se dizer, uma “moda literária”.

Dante completou seus estudos, provavelmente entre 1285 e 1287, inicialmente e por pouco tempo, em Pádua, logo depois e por bem mais tempo, em Bolonha. É possível que tenha sido nessa famosa universidade que Dante se familiarizou com a Filosofia, se bem que aqui seus estudos devem ter sido fragmentários, uma vez que somente mais tarde ele se instruiu em autores fundamentais como Cícero e Boécio. Foi também em Bolonha que Dante estudou “Medicina”, então inextricavelmente ligada à Filosofia; de fato, o que

se ensinava oficialmente era a Astrologia, reguladora da vida dos homens, e muitos “médicos” tiravam as doenças do horóscopo. Sabe-se também que foi de sua passagem por Bolonha, onde freqüentou a então célebre escola de Retórica, que ele guardou para toda a vida o culto do estilo e da beleza da linguagem, entendida como arte. Na realidade, a vida de Dante em Bolonha é muito mal conhecida.

Após sua formação universitária, Dante retornou a Florença. Essa cidade vivia então envolta em disputas acerca de importantes rotas comerciais com duas rivais gibelinas: Arezzo e Pisa.

O conflito Papado-Império, diretamente erguido sobre o solo italiano desde o século XII, favoreceu o surgimento nas cidades de dois partidos, o guelfo e o gibelino. Sua luta marcou profundamente toda a vida peninsular desde o fim desse mesmo século: discórdias, guerras e levantes, exílios, confiscos de bens, represálias, *vendette*. Os primeiros viam no imperador sacrogermânico a fonte do seu poder; os segundos procuravam aliar-se às hierarquias fiéis ao Papado. Essa divisão, entretanto, é somente básica e não vale absolutamente para todas as situações, variando de acordo com as características das velhas rivalidades locais, manifestando-se em lutas que, muitas vezes, pouco ou nada tinham a ver com a Igreja e o Império. Esta oposição multissecular, sempre bastante viva, profundamente enraizada nos costumes de cada cidade, explica-se normalmente, como salienta Jacques Heers (1991, p. 138) por divergências de interesses, às vezes por conflitos sociais,¹ sempre por questões de família.

O próprio Dante, no verão de 1289, como soldado da milícia florentina, participou de vitoriosas expedições militares contra as forças de Arezzo e Pisa. A primeira foi a batalha de Campaldino contra Arezzo. Tratava-se do maior acontecimento bélico em que Florença se engajou desde a funesta jornada que havia terminado com a derrota guelfa: a batalha de Monteperti. Mas dessa vez as tropas florentinas foram amplamente vitoriosas. Dante, que havia participado do pelotão de frente, comentou suas impressões numa carta relatada por Bruni. Posteriormente participou da tomada do castelo de Caprona, ocupado por milícias de Pisa.

Seu último encontro com Beatriz foi anterior à sua participação em atividades militares, sendo provavelmente datado de 1288. Ela, entretanto, morreu em junho de 1290, quando Dante tinha vinte e quatro anos. Esse fato talvez tenha sido o maior choque de sua vida. Seguiu-se um período pouco esclarecido, de profunda tristeza, entre prantos infindáveis, visões, à procura do esquecimento pelo estudo (acredita-se que foi nesse momento que Dante completou sua

imensa erudição) e, como diz Gillet (1941, p. 28), “através de diversões menos severas”. Tal período culminou com a redação da *Vita Nuova* (por volta de 1292 a 1296), sua primeira obra significativa.

Segundo Louis Gillet (1941, p. 29), esse pequeno livro, esse relicário à memória de uma morta, tem dois sentidos: a) Trata-se de um livro de lembranças da juventude. b) O poeta nele fala de um segundo nascimento, um mistério ou regeneração. Nele, de fato, tudo é, propositadamente, extremamente superficial e generalizado. E assim se passam três épocas distintas na história desse amor: a) a primeira, inteiramente juvenil, na qual o poeta se encanta das belezas de sua amada, multiplica álibis para guardar seu segredo e se embriaga com as delícias do amor; b) uma segunda, marcada por um aspecto mais sério, na qual se estabelecem novas relações e o poeta resolve cantar de sua amada somente as virtudes, das quais ela é a fonte irradiante; c) enfim, um último episódio, no qual ele a perde, e surge então a visão final que vem recompensá-lo.

Posteriormente, Dante ingressou na vida política e, em 1300, foi eleito para o Conselho dos Seis Priores. Logo depois, participou do Conselho dos Capitadini (o “poder legislativo”), mas então viu-se envolvido com o Governo dos “brancos”,² a facção guelfa contrária às ingerências do Papado na vida da cidade. Após o golpe militar de 1301, engendrado pelo papa Bonifácio VIII e pelo príncipe capetúgio Carlos de Valois, que levou os “negros”,³ facção rival (também guelfa) favorável à Santa Sé, ao poder, Dante, acusado de *baratteria* (delito de concussão e venalidade), foi condenado, caso retornasse a Florença, à morte em fogo brando. Seguiu-se o longo período de exílio, que duraria até sua morte em Ravena, período em que Dante compôs suas principais obras, entre elas a *Commedia*, na qual a figura feminina de Beatriz encontrou sua plenitude como a representação da Teologia.

Em outra grande obra do período de exílio, anterior à *Commedia*, o inacabado *Convívio*, Beatriz, entretanto, não aparece ao longo dos quatro tratados que acabaram sendo escritos. Será que nosso poeta estava então esquecido de sua *Madona*? Efetivamente, como salienta Augustin Renaudet (1954, p. 88-89), mesmo no *Convívio*, Dante permaneceu fiel a Beatriz ao afirmar o primado da Teologia. A razão de seu nome não ser tocado foi que, então, a Teologia parecia pouco familiar ao nosso poeta; seu culto e amor endereçavam-se à Filosofia (representada pela *donna gentile*, figura controversa que muitos dantólogos acreditam ser Gemma Donati). Dante, de fato, parecia orientar-se por uma metafísica aristotélico-tomista. A grande obra de referência era, não por acaso, a *Ética a Nicômaco*, ou melhor, a leitura tomista da *Ética*. Nela Dante encontrou

os elementos para desenvolver uma conduta de equilíbrio e harmonia que se esforçava, antes de tudo, em descobrir no ser humano os princípios de uma nobreza, de definir um tipo completo, tão grande pela inteligência como pelas virtudes, de humanidade diligente. Mas já Platão e os neoplatônicos por momentos o ajudavam a guiar o racionalismo para perspectivas ainda distantes, confusamente entrevistas, de uma mística intelectualista.

O *Convivio*, obra dedicada à cultura e à nobreza humanas, foi, porém, bruscamente abandonada e substituída pela redação do *Inferno*, um poema no qual logo surgem, em mortais trevas, o pecado e o castigo. Tal contraste levamos a pensar que Dante, então descontente com seu trabalho, intentava refazê-lo sob um outro espírito e dentro de um outro estilo. O poeta, que se maravilhava no espetáculo das virtudes humanas, tomou, por motivos que não sabemos explicar, uma consciência mais nítida do ódio, do erro e do pecado em que viviam esses mesmos homens. Foi preciso então revirar as perspectivas e introduzir em sua obra o grande “drama da humanidade”. Com relação ao sentido e à razão de ser do conjunto da *Commedia*, Renaudet (1954, p. 93) dá-nos uma visão completa em torno de dois temas principais. De um lado, o tema moral do poema, a luta do fiel contra o pecado, cuja tríplice raiz é a incontinência, o orgulho e a avareza. De outro, o tema político: a necessidade de restabelecer em Florença o bom Governo, a “guerra santa” contra os capetíngios e contra Bonifácio VIII, a reforma do mundo cristão pela restauração do Império, a reforma da Igreja pelo retorno do Papado ao Evangelho. Dois temas que se encontram intimamente relacionados: a salvação eterna do pecador que se chama Dante Alighieri está necessariamente ligada à reforma intelectual, moral, política e religiosa do mundo cristão. De fato, como nos informa Bruno Nardi em um dos mais importantes capítulos (Dante Profeta) de sua obra clássica, intitulada *Dante e la Cultura Medievale* (NARDI, 1942, p. 255-334), a política dantesca aparece como a doutrina de um predestinado, rico das graças divinas, iluminado pelo Espírito Santo e portador de uma profecia.

Ao longo da *Commedia*, o pecador Dante, de fato, terá de trabalhar metodicamente sua renovação espiritual, seguir pacientemente as três etapas tradicionais da via purgativa, iluminativa e unitiva. Só assim, liberado do pecado, ele poderá reentrar em posse do seu livre arbítrio e, desvencilhado de toda ligação com o mundo terreno, iluminado pela verdade, unido no relâmpago da visão mística da Divindade, realizar nele próprio a mais elevada perfeição cristã e humana, essa deificação do homem que era o sonho dos grandes espiritualistas. Somente ela poderá torná-lo digno e capaz de cooperar sobre a terra para o

triunfo da verdade e da ordem cristãs, de se unir à ação do enviado divino que um dia reformará a Igreja e o mundo. Só então ele sentirá o seu livre arbítrio fundir-se com a vontade divina e passará a obedecer somente a esse amor, que é a alma do mundo e que move o sol e as estrelas. Assim o humanismo cristão visível em Dante completa-se somente e finalmente em uma mística e em uma santidade.

Para percorrer essas três etapas, Dante precisará de três guias. Para a primeira, simultaneamente mais fácil e cruel, Virgílio será um apropriado guia. Ele o conduzirá na sua marcha incerta, seu esforço, sua esperança, através do Inferno e do Purgatório. Ele lhe fará sentir a baixaza e a maldade humanas, que destroem no homem a mais bela nobreza do seu ser, como criatura, e o benefício da penitência, que restabelece essa nobreza. Ao mesmo tempo, Virgílio, agora instruído com a Revelação, lhe ensinará os princípios da justiça divina. Efetivamente, Virgílio representa a mais alta nobreza humana e, em virtude desse papel, ele ocupa na *Commedia* o lugar heróico que Aristóteles tinha no *Convívio*. Era necessário que um romano fosse escolhido, ao invés de um grego, para realizar o tipo ideal de humanidade, uma vez que Roma era o seu *locus* providencial. A escolha coube a Virgílio por ser este, de fato, o poeta do Império Romano, o qual revela para a eternidade toda a grandeza do Império e da majestade de Roma em sua *Eneida*. Contemporâneo desse Império fabuloso que Aristóteles não podia sequer pressentir, anunciador do Império sem limites e sem termo que o Destino e a História (isto é, Deus) asseguravam a Roma, Virgílio é o promotor de um conhecimento que superou o de Aristóteles. De acordo com Ernst Kantorowicz (1989, p. 330), por simbolizar as forças do intelecto e da razão supremas, o pagão Virgílio, em relação ao indivíduo Dante na *Commedia*, ocupa o lugar e as funções confiadas ao próprio imperador, com relação ao conjunto do gênero humano. Virgílio e o imperador são os guias, respectivamente de Dante e da humanidade, em direção ao paraíso terrestre, à beatitude filosófica.

Virgílio, por tudo acima apontado, realiza na *Commedia* o tipo acabado de nobreza humana que, no *Convívio*, coube a Aristóteles. Mas a *Commedia* coloca esse problema em termos novos, que vão além do espírito do *Convívio*. Dante esforçava-se lá por definir a nobreza humana segundo a Natureza e a Razão; agora quer defini-la de acordo com a Revelação e a Graça. Assim, Virgílio, que superou Aristóteles, deve ele mesmo ser superado. Era necessário que o ideal de humanidade perfeita, segundo a natureza e o tipo de humanidade perfeita de acordo com a graça, chegasse a fundir-se em um tipo superior de humanidade

divinizada. Mas Virgílio sempre permaneceu fiel às divindades ilusórias de Roma. A sabedoria de Virgílio, ainda que tenha superado a de Aristóteles, é ainda a sabedoria de uma humanidade perfeita segundo a natureza, a de um humanismo que permanece humano. Era preciso, portanto, que a disciplina de Virgílio chegasse ao fim, que ele próprio se apagasse perante uma alma mais completa, mais imbuída da verdade mestra, ou, segundo as palavras de Virgílio: “[...] alma terá mais digna que eu” (*anima fia a ciò piùdi me degna*) (INF, I, 122, p. 29). Dante se salvará, o poeta romano lhe trouxe essa certeza. Mas ele terá para tanto que seguir um outro caminho, ou, como lhe diz o próprio Virgílio no texto da *Commedia*: “A ti convém seguir outra viagem” (*A te convien tenere altro viaggio*) (INF, I, 91, p. 28). Nem a ética aristotélica ou o entusiasmo humanista do *Convívio*, nem a espiritualidade de Virgílio serão suficientes. Uma vez Dante liberado do pecado, instruído da justiça divina, o papel de Virgílio termina. Ele não lhe pode ensinar mais nada porque não discerne nenhuma outra luz. Assim ele vai desaparecer e Beatriz assume o comando da alma que aspira agora à verdade suprema.

Vimos então como, pelo papel de Virgílio, que substituiu, completou, humanizou e enteneceu Aristóteles, a *Commedia* deu continuidade ao *Convívio*. Vimos também como a *Commedia* difere do *Convívio* pela retirada de Virgílio e pela entrada em cena de Beatriz. É então que o poema sacro, para além do *Convívio*, restabelece o contato com a *Vita Nuova*. Dante pode, enfim, retomar a promessa feita a Beatriz:

Apareceu-me depois deste soneto uma maravilhosa visão, na qual vi coisas que me decidiram a não falar dessa bem-aventurada enquanto não pudesse fazê-lo dignamente. Para consegui-lo, estudo quanto posso, como ela o sabe verdadeiramente. Se é do agrado de Aquele a quem tudo deve a existência, que eu viva ainda alguns anos, espero dizer de Beatriz o que não foi dito de mulher nenhuma. Depois, apraza Aquele que é Senhor da cortesia, que a minha alma possa contemplar a glória da sua dama, a bem-aventurada Beatriz, que gloriosamente olha no rosto Aquele “Qui est per omnia secula benedictus” (VITA NUOVA, XLII, p. 96).

É junto da sua glorificada dama que, no cume da montanha do Purgatório, no Paraíso Terrestre, Dante assiste às revelações que lhe ensinam o sentido da história cristã, desde as origens da Igreja até o “Cativo de Avignon”. Surge então a profecia de Beatriz sobre a próxima restauração do Império. Ela, nas primeiras palavras que endereça a Dante, afirma que no outro mundo ele não será por muito tempo um *silvano* (“estrangeiro”), porque será eternamente com

ela “[...] cidadão daquela Roma onde Cristo é romano” (*cive di quella Roma onde Cristo è romano*) (PURG., XXXII, 101-102, p. 210). Tal episódio equivale a, segundo palavras de Kantorowicz (1989, p. 356), “[...] substituição da Jerusalém transcendental por uma Roma transcendentalizada”. Trata-se efetivamente da reconstituição da Roma providencial e santa, da cidade cristã.

É Beatriz quem, de céu em céu, de beatitude em beatitude, o conduz ao Empíreo, ou seja, à mais alta das esferas, morada da essência divina e dos bem-aventurados ou eleitos. Esse progresso de um mortal para sua deificação, elevando consigo toda a humanidade, completa-se graças aos ensinamentos quase ininterruptos da transcendente Beatriz.

No degrau mais baixo, na névoa de pérola que forma a substância da Lua, Dante encontra as almas que, depois de terem sido engajadas nas promessas eternas, tiveram que renunciar a essa posição, mas guardam um eterno arrependimento por isso; elas simbolizam todas aquelas que, depois de ter concebido alguma nobre empresa humana, se vêem pouco a pouco reduzidas a realizá-la somente em sonho.

No céu de Mercúrio aparecem aquelas que completaram nobres obras na esperança da glória e para a honra humanas (a glória e a honra são amadas por Dante como o eram pelo humanismo antigo), como a do imperador Justiniano.

Mais alto, no céu de Vênus, mostram-se as almas ardentes que, depois de terem experimentado o amor humano, souberam pouco a pouco dele se libertar, e consagrar a Deus e a suas obras toda a veemência de sua paixão. Para Renaudet (1954, p. 546), trata-se aqui da expressão nítida da dialética platônica, clássica e humanista do amor, transmitida a Dante por intermédio de Cícero e dos Padres da Igreja.

Mais alto ainda, no céu do Sol, aparecem as almas que se propuseram fazer passar a ato todas as forças virtualmente contidas no intelecto permitido ao homem, pois elas serviram, com seu espírito humano, à verdade divina. Aqui estão Isidoro de Sevilha, Alberto Magno e Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, Hugo e Ricardo de São Vítor, Graciano e até mesmo Siger de Brabante,⁴ entre muitos outros, ou seja, uma verdadeira síntese de toda a herança intelectual e espiritual da Idade Média.

No céu de Marte, Dante encontra as almas guerreiras, aquelas que derramaram sangue pela fé. Surge aqui (além de Carlos Magno, Rolando, entre outros) um antepassado de Dante, contemporâneo de uma Florença não dominada ainda pelos interesses do comércio e da manufatura, a nostálgica figura de Cacciaguida (trisavô de nosso poeta), que morreu em nome da fé,

servindo ao exército do imperador Conrado III nas Cruzadas. Efetivamente, Cacciaguida representa a imagem de uma Florença que, aos primeiros anos do século XII, era ainda só uma pequena cidade, dominada e ameaçada por todos os palácios senhoriais; lembra um tempo que, apesar de todas essas incertezas, era uma época feliz na qual a nobreza reinava sobre uma cidade tímida e de fraco comércio. Essa “aristocracia” recente do negócio, da manufatura e da banca, essas novas famílias enriquecidas não pertencem, segundo Cacciaguida (quer dizer, Dante), ao verdadeiro povo florentino. Assim, segundo observa Renaudet (1954, p. 547), nosso poeta que, como vimos, esteve ao lado dos *popolani*, absorve-se no arrependimento de um passado que foi exatamente sua vida política. Na realidade, a nosso ver, não é bem assim. Dante, apesar de ter sido sempre defensor da nobreza e de possuir um flagrante desprezo pela *gente nuova*, jamais se arrependeu de sua militância entre os “brancos”, porque esses, naquele momento, eram os que estavam do lado da justiça; os “negros”, por sua vez, representavam uma nobreza desonrada, que se aliou à cupidez da Santa Sé numa traição da qual Florença e ele próprio foram as grandes vítimas.

Mas, mais alto, no céu de Júpiter, manifestam-se aqueles espíritos que trabalharam pela instalação da paz universal, propícia e necessária às obras do espírito. Essa paz funda-se sobre o Direito, o direito eterno, criação ininterrupta de todas as almas que, desde a origem, serviram à justiça e formularam a lei da equidade, revelação que foi perseguida essencialmente pelo duplo esforço de Israel e de Roma, e só terminará com a consumação dos séculos, quando o Juiz divino pronunciar, sobre a sociedade humana, sua sentença irrevogável. Esse Direito aparece sob o aspecto da águia romana, símbolo do Império, que, desde sua reconciliação com Cristo, desde Constantino e o Edito de Milão (313), unia a santidade à justiça. O Império Romano foi sempre para Dante, ao longo da história, o momento no qual o gênero humano mais se aproximou da perfeição desejada por Deus, momento que, assim, deve ser reconquistado.

Enfim, no céu de Saturno, triunfam as virtudes sobre-humanas das almas puramente contemplativas. Esses são os ascetas da vontade e da inteligência, que consagraram todas as suas forças à procura apenas do necessário pela via única da Escritura. São, com Pedro Damiano, os fundadores das ordens mais austeras, São Benedito, São Macário, São Romualdo, aqueles que, por uma pedagogia da vontade e da inteligência, chegaram, além da inteligência e da vontade, ao instante em que a alma, após ter assimilado todo o tesouro dos conhecimentos do mundo, se estabeleceu, por um esforço de despojo supremo,

na atitude do silêncio e do vazio na qual lhe resta apenas escutar, através do texto bíblico, a voz divina.

Dante assim ultrapassa os sete céus planetares; ele se eleva agora ao céu das estrelas fixas. A ascensão triunfal de Cristo ao Empíreo, para onde o acompanham todas as almas encontradas nos diferentes céus, oferece ao poeta a conclusão das lições que ele recebeu da caridade dessas mesmas almas, e visivelmente manifesta, a seus olhos, o sentido religioso e cristão de uma alma voltada para o mais alto grau de existência e perfeição. Essa aparição tem por princípio e método o ensinamento de se dever sempre seguir, sem desfalecimentos, os ensinamentos do Cristo, isto é, trata-se do tema da Imitação.

O humanismo de Dante, capaz agora de sustentar o esplendor divino do riso de Beatriz (PAR., XXIII, p. 46-48), eleva-se ao nível da humanidade sobre-humana dos Apóstolos. Três aparecem então para interrogá-lo sobre as virtudes teológicas (as chamadas virtudes infusas): São Pedro o interroga sobre a fé, São Judas, sobre a esperança, e São João, sobre a caridade. Mas o Mestre do Amor Divino irradia de uma tal luz que Dante permanece alguns instantes cego. Assim, mais alto que o apóstolo da esperança e que o apóstolo da fé, o humanismo dantesco estabeleceu, ao cume da inteligência humana, o apóstolo da caridade, o metafísico divino que, no quarto Evangelho, revelou aos fiéis o mistério do Verbo, o profeta que no Apocalipse lhes revelou os desastres dos últimos dias, o triunfo supremo dos justos. E eis que, ao redor dos três apóstolos, aparece Adão, pai dos homens, de sua humanidade restaurada, na grandeza e na nobreza que ela teria naturalmente alcançado sem o pecado: igual, desde a Criação, aos apóstolos e santos. Passagem repleta de significações. Para ascender ao Cristalino e, posteriormente, ao próprio Empíreo (as duas últimas, mais elevadas e puramente espirituais etapas de sua viagem), Dante tinha que já estar completamente informado das virtudes infusas, já que elas são a via necessária da construção da alma em sua busca da sublime perfeição (da beatitude espiritual); igualmente a visão de Adão (de um Adão que recuperou sua pureza e dignidade) representa a imagem da humanidade perfeita, que o próprio Dante havia enfim conquistado e, com isso, simultaneamente, elevado toda a Cristandade.

Mais alto ainda, no céu Cristalino, o poeta, ultrapassando a humanidade, encontra os seres puramente espirituais. A aparição deslumbrante dos nove coros angélicos que descrevem, em redor do misterioso ponto de onde irradia o espírito divino, suas evoluções em um eterno hosana, manifesta-lhe a origem do movimento que conduz o mundo, origem que é inteiramente espiritual.

Dante agora transpôs os limites extremos da natureza. Além dos nove céus explorados pelos astrônomos gregos e árabes, o Empíreo, reserva de Deus e dos eleitos, revela seu duplo aspecto: rio de chama, Rosa imensa, imensurável, povoada de almas vivas. Esse duplo esplendor desdobra-se sob uma luz que não é mais luz, mas inteligência e amor, fora do espaço e do tempo medidos pelos homens, nesse instante sem começo nem fim que é a eternidade.

Segundo Umberto Eco (1974, p. 69-70), São Boaventura desenvolveu em sua obra uma verdadeira metafísica da luz. Para ele, de fato, a luz, antes de ser uma realidade física, é sem dúvida e, fundamentalmente, realidade metafísica. Foi exatamente pelas implicações místicas e neoplatônicas de sua filosofia, que ele sublinhou os aspectos cósmicos e estáticos de uma estética da luz. Nele, a luz é o princípio de toda beleza, não só porque é *maxime delectabilis* entre todos os tipos de realidade que se podem apreender, mas porque, através dela, se cria a diferenciação das cores e das luminosidades da terra e do céu. Também as suas mais belas páginas sobre a beleza são justamente as que descrevem, num magnífico mar de luz, a visão beatífica e a glória celeste. Embasado em Boaventura, Dante tenta então descrever a inigualável, e indescritível, beleza do Empíreo (bem como a de todo o Paraíso).

No Empíreo, a criatura humana triunfou em sua santidade, em sua beleza, em sua justiça. As almas que Dante descreve unem, à santidade que irradia de seus divinos traços, a beleza indecifrável dos semblantes e das atitudes. As mais insignes delas formam o patriciado de um Império justo e piedoso, do qual o Império de Roma, igualmente justo e piedoso, ofereceu sobre a terra uma imagem menor, entretanto, já divina. Assim também triunfa, na glória do Empíreo, essa autoridade imperial de cuja eleição sobrenatural as demonstrações escolásticas e as controvérsias jurídicas da *De Monarchia* deveriam conscientizar os homens de ciência.

Mas para que o predestinado Dante, agora iluminado, filho da Graça, possa atingir a visão mística do Ser e a união divina, Beatriz, cujo domínio se estende a tudo o que na Teologia é conhecimento, não é mais suficiente: é preciso a caridade ardente, o amor divino, o gênio místico de São Bernardo. Assim Beatriz retoma o seu lugar na Rosa, e o nosso poeta, após um favor supremo, obtido pela intercessão da Virgem, que lhe permite receber a última e mais elevada revelação, vai enfim unir o seu intelecto e a sua vontade ao Amor eterno.

São Bernardo, abade do mosteiro cisterciense de Clairvaux, foi um dos maiores pensadores do século XII e talvez o principal fundador da mística medieval. Não negava a utilidade ocasional dos conhecimentos dialéticos e

filosóficos, mas sustentava que o conhecimento das ciências profanas é de valor ínfimo perante o das ciências sacras. Quanto a seus sentimentos para com os dialéticos, esses se revelaram claramente na luta sem tréguas que travou contra Abelardo e outros mestres, cujas tendências gerais e cuja indulgência excessiva para com o raciocínio em matéria de Teologia o inquietavam profundamente. Ele, ao contrário, procurou elaborar profundamente uma doutrina do amor místico, tornando-se o iniciador de um movimento que se desenvolveu, em diversos aspectos, nos séculos seguintes. Natural assim é sua escolha, neste momento culminante, por um Dante que havia totalmente abandonado um plano racional de reforma e reestruturado suas perspectivas para um metafísico (o que é visível ao longo de todo o texto do *Paradiso*). No estado atual de nossos conhecimentos, não há como pensar que a causa dessa transformação tenha sido outra que não a derrota e morte do imperador Henrique VII de Luxemburgo, em 1310 (Henrique havia invadido a Itália com a intenção de submeter as cidades), e toda a desesperança que nosso poeta, em conseqüência, sofreu profundamente em seu coração gibelino (Dante, exilado, tinha aderido plenamente às doutrinas gibelinas e imperiais que Florença proscovia). Daquele momento em diante, não havia mais como confiar ao ser humano seu imenso projeto de reforma, somente o próprio Deus poderia levá-lo adiante.

Para podermos compreender exatamente em que termos Dante intentava realizar sua união com a Divindade, é preciso retornar ao pensamento do próprio São Bernardo, seu guia nessa sublime empresa. Para São Bernardo, é exatamente através da humildade, em seus doze degraus, que o homem pode ascender a Deus; o ponto culminante do conhecimento humano é alcançado pela alma no êxtase, em que esta se separa, de certa forma, do corpo, esvazia-se e perde-se, para fruir de uma espécie de convívio com Deus. Esse convívio, como salienta Etienne Gilson (1995, p. 365), é de fato uma união, mas isso não quer dizer uma comunidade de essência entre o humano e o divino, apenas uma comunidade por modo de semelhança, que se baseia num acordo perfeito das vontades. Criada por um ato de amor divino, a vontade do homem é também essencialmente um amor divino, uma caridade. Assim como Deus se ama naturalmente, a vontade do homem ama naturalmente a Deus. O fato de que o homem ama a si mesmo não é obstáculo para isso. Enquanto o homem se ama como Deus o ama, há um acordo perfeito da sua vontade com a vontade divina; há, pois, perfeita semelhança entre o homem e Deus.

A espiritualização da alma dantesca transforma, inclusive, o seu amor por Beatriz. No *Purgatorio*, esse amor conserva ainda alguma coisa de humano,

mas, no *Paradiso*, todo traço de amor terreno se desvanece. Beatriz torna-se definitivamente o símbolo vivo e luminoso da ciência divina, fundado ao mesmo tempo na razão e na revelação, que, de grau em grau, mais sublime e mais brilhante, conduz sua alma pelas etapas da via iluminativa até ao umbral da união celeste.

Visto como, em Dante, a figura feminina de Beatriz, angelizada na *Vita Nuova*, passa na *Commedia*, por representar a Teologia, a um estado superior de humanidade divinizada, resta falar algo sobre o elemento fulcral de toda essa simbologia: a beleza de Beatriz. Em Dante, domina indubitavelmente o conceito clássico-patristico de beleza, consistente na ordem cósmica, mas o momento da relação expressiva, que está imerso na imagem metafísica do belo de São Boaventura, efetiva-se somente através de Beatriz. Como salienta Von Balthasar (1984, 117-118), a relação expressiva entre o inefável fundo do ser e a sua auto-explicação na forma do ser tem o seu centro humano na beleza infinita de Beatriz. Encontra-se precipuamente nos olhos de Beatriz, tão sublimes, que contemplam de frente o próprio Deus, onde toda essa beleza se concentra como um relâmpago luminoso que, no *Paradiso*, faz nosso poeta subir como em êxtase, de esfera em esfera. A explicação para essa potencialidade mística encontra-se no fato de que Dante via na beleza a forma expressiva do Bem e da Verdade. Dentro de uma perspectiva de pensar sacramental,⁵ tão característica da Idade Média, Dante acreditava que se não temos ainda acesso aos mistérios mais profundos, podemos ao menos nos contentar com o reflexo colorido da beleza, naturalmente com a consciência de que o reflexo oculta em si um mistério sagrado.

NOTAS

¹ No conjunto da península, entre os gibelinos, normalmente enfileirava-se a velha nobreza; já os guelfos geralmente representavam o partido *popolani* (o “patriciado” dos mercadores, normalmente também donos das manufaturas e da banca nascente).

² e ³ Na realidade, o conflito entre “brancos” e “negros” foi originário de Pistóia. Lá se tratava de uma querela entre os dois ramos dos Cancellieri. O conflito iniciou-se de fato entre os dois filhos de um mesmo pai (ainda que de mães diferentes), por causa do rompimento de uma promessa de casamento. A primeira mãe chamava-se Bianca (Branca), da qual o nome Cancellieri “brancos”; seus adversários tomaram a cor oposta. Para fazer a paz, o Governo de Pistóia recorreu a Florença, que consentiu em acolher os chefes de um dos partidos, o dos “negros”. Era, de fato, como “acolher a peste”, já que ela propagou em Florença a devastação. Havia na cidade duas grandes famílias de interesses concorrentes. Uma era a dos Donatti, que representavam a velha nobreza e o partido dos Grandes, malsatisfeitos com um regime que dependia do sufrágio das Artes Menores. A facção rival era dos Cerchi, que chefiavam o *primo popolo* (grupo dos

mercadores, dono da manufatura e da banca) e desejavam um governo moderado e reconciliado com os mais resignados dos nobres. Entre as duas casas, a guerra estava prestes a estourar. A questão de Pistóia, com cada uma dessas facções assumindo a defesa de um dos lados em conflito, forneceu-lhe o impulso decisivo: os Cerchi formaram os “brancos”; os Donati, os “negros”.

⁴ Deveras estranha é a presença de um averroísta, de alguém que colocou em dúvida os dogmas em que Dante tão ardentemente acreditava, como Siger de Brabante, no céu do Sol. Essa é, entretanto, uma questão que permanece controversa. René A Gutman (1977, p. 154-155) informa-nos que muito se tem discutido a respeito da retratação final de Siger e sua conseqüente reconciliação com a ortodoxia cristã. Uma tal retratação-reconciliação poderia explicar por que Dante colocou esse filósofo no Paraíso. De um modo geral, a tradição cristã medieval acreditava nela, e Dante, como se vê, parece segui-la plenamente.

⁵ O pensar sacramental, segundo Leonardo Boff (1975, p. 517), constitui no fundo a cosmovisão teológica. A particularidade do pensar teológico consiste, segundo Boff, num modo-de-ver característico: tudo é visto *sub specie divinitatis*; primeiramente, o próprio Deus, e, em seguida, todos os seres por Ele criados, enquanto Deus nos diz algo por seu intermédio, ou enquanto eles nos podem dizer algo sobre Deus. Tudo é considerado, portanto, através da realidade-Deus, realidade a mais envolvente, a mais distante e a mais próxima, que não se encontra apenas além do mundo ou no mundo, mas perpassando o mundo. Em outras palavras, a realidade de Deus é assim: ela não se manifesta apenas transcendente (sobre) e imanente (no), mas, sobretudo, transparente (através de) pelo mundo. A transparência situa-se exatamente no meio, entre a transcendência e a imanência, formando todo o universo dos símbolos, dos sinais e dos sacramentos.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

- ALIGHIERI, D. *Vida nova & monarquia*. Tradução de Carlos de Soveral. Lisboa: Guimarães.
ALIGHIERI, D. *A divina comédia: inferno, purgatório e paraíso*. Tradução e notas de Italo Eugenio Mario. São Paulo: Editora 14, 1999. 3 v. Edição bilingüe.

OBRAS COMPLETAS

- BALTHASAR, H. U. V. *Dante: viaggio attraverso la lingua, la storia ed il pensiero della Divina Commedia*. Brescia: Morcelliana, 1984.
ECO, U. *Arte e beleza na estética medieval*. São Paulo: Globo, 1989.
GILLET, L. *Dante*. Rio de Janeiro: América, 1941. Edição em Língua Francesa.
GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
GUTMANN, R. A. *Dante et son temps*. Paris: Librairie A. G. Nizet, 1977.
KANTAROWICZ, E. *Les deux corps du roi*. Paris: Gallimard, 1989.
NARDI, B. *Dante e la cultura medievale: nuovi saggi de filosofia dantesca*. Bari: 1942.
RENAUDET, A. *Dante humaniste*. Paris: Les Belles Lettres, 1954.

ARTIGO

- BOFF, L. O pensar sacramental: sua estrutura e articulação. *REB (Revista Eclesiástica Brasileira)*, Petrópolis, v. 35, n. 139, p. 514-520, 1975.